

Mundo decide lutar pelos pobres

■ Cúpula social assume compromissos mas adia taxa para financiar desenvolvimento

Copenhague — Reuter

KRISTINA MICHAELLES

COPENHAGUE — A ONU vai designar um órgão — provavelmente o Conselho Econômico e Social (Ecosoc) — para acompanhar os desdobramentos da reunião de cúpula contra a pobreza que terminou ontem na Dinamarca. O encontro, que reuniu durante uma semana delegados dos 185 países-membros da ONU, produziu uma declaração com dez compromissos e um plano de ação que orientará os governos sobre investimentos em programas sociais.

Um relógio instalado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) no Fórum das ONGs marcou o número de bebês que nasceram para viver na pobreza só durante os nove dias da conferência: 598.070.

A declaração de Copenhague indica que os países ricos devem dedicar no mínimo 20% de sua ajuda oficial externa para programas sociais. Os países receptores se comprometem em aplicar 20% de orçamento público para esta mesma finalidade. Estudo da ONU indica que, em média, os países em desenvolvimento destinam apenas 12% de seu orçamento aos programas sociais.

Compromisso — Todos os governos se comprometem a elaborar planos nacionais contra a pobreza até o ano que vem. Outras metas: até o ano 2000, redução pela metade das taxas de mortalidade infantil e materna, do analfabetismo e da desnutrição de crianças de 0 a 5 anos, além da redução em 20% dos casos fatais de malária.

A declaração confirma o perdão parcial da dívida para países de baixíssima renda e indica a análise “caso a caso” da dívida de outros países. A Dinamarca e a Áustria foram os únicos países credores que anunciaram decisões concretas de cancelamento da dívida durante a cúpula de Copenhague.

Foram confirmadas ainda as convenções da Organização Internacional do Trabalho sobre liberdade sindical e a proibição do trabalho infantil. O combate ao desemprego é considerado como “alta prioridade”.

Apesar das críticas de muitas or-

ganizações não-governamentais, o documento é considerado positivo, levando-se em conta o contexto em que foi gerado: entre 185 países com interesses muitas vezes radicalmente opostos e conflitivos.

No ano do quinquagésimo aniversário da ONU e das instituições de Bretton Woods (FMI e Banco Mundial), a reunião contra a pobreza revelou que o desenvolvimento é um assunto que precisa ser resolvido em parceria pelo Estado e pela sociedade civil, incluindo o setor privado — aliás, o grande ausente num encontro que marcou de forma inédita a presença e a força de pressão das ONGs.

A reunião deixou evidente, ainda, que os problemas do século 21 estão sendo enfrentados com alguns mecanismos anacrônicos. Um deles é a divisão do mundo em grandes blocos que já não correspondem à realidade geopolítica internacional, como o G-77, que reúne no mesmo saco países tão dispares quanto o Irã, a Argélia e o Brasil.

Tobin tax — O embaixador chileno Juan Somavia, pai intelectual da reunião de cúpula, lamentou a falta de debate em torno de dois assuntos: o corte nos gastos militares e a instituição de um imposto sobre operações financeiras internacionais (Tobin Tax) para financiar um fundo voltado para o desenvolvimento.

Em seu discurso aplaudidíssimo de sábado, o presidente François Mitterrand pediu que se retome seriamente a idéia deste imposto. “Se não houver resultados concretos, esta reunião terá sido um mero show”, disse. Mitterrand, talvez um dos últimos grandes estadistas do mundo atual, fez uma peça de retórica brilhante. “Não podemos permitir que o mundo vire um mercado global em que vigoram as leis da selva”, disse.

Sonhos — “Toda a vida é um sonho, e os sonhos sonhos são.” Com esta citação do dramaturgo espanhol Calderón de la Barca, Fidel Castro iniciou seu pronunciamento, também bastante aplaudido, em que atacou os males do capitalismo e da sociedade de consumo, falou sobre as conquistas de



Fidel largou a farda verde-oliva e foi ao jantar de gala vestido de civil

Cuba e criticou os Estados Unidos. Fidel, aliás, foi a grande surpresa do jantar de gala oferecido pela rainha Margarida aos mais de cem chefes de Estado reunidos em Copenhague no final de semana. O comandante pendurou a farda verde-oliva, aparecendo num impecável terno azul-marinho.

Outro orador aplaudido foi o presidente sul-africano Nelson Mandela: “Nós, na África do Sul, aprendemos através de experiências amargas que a segurança para alguns poucos significa a insegurança para todos”, alertou.

O vice-presidente dos EUA, Al

Gore, anunciou que a Agência para Desenvolvimento Internacional (Usaid) vai canalizar 40% dos seus recursos para ONGs. A “Iniciativa da Nova Parceria” tem por objetivo fortalecer o intercâmbio entre pequenos empresários dentro e fora dos Estados Unidos.

Um dos últimos oradores, o ministro brasileiro da Educação, Paulo Renato Souza, fez menção à instabilidade financeira internacional e informou que, com o fim da inflação, o Plano Real transferiu um total de US\$ 15 bilhões do sistema financeiro para os consumidores.